

99



# A Dança do Nhau

por Guilherme José

**V**EM de longe a tradição do Grande Undi. É como que uma figura estranha, mixto de lenda e realidade, agigantar-se na boca e na alma do povo azimba. Foi mandatário mais poderoso que a raça azimba ou aceva conhece. Estendida por todo o vasto território da Marávia, ela conserva ainda hoje e por muitos anos ainda conservará, os velhos usos e costumes, a tradição e as lendas que constituíram e constituirão eternamente a sua própria personalidade.

A dança do "nhau" foi o Grande Undi quem a criou e perpetuou. Vem-lhe o nome da sua própria feição: "nhau" — figura ou vulto, pequeno ou grande, isso não interessa. Na verdade, a dança é, por assim dizer, um desfile de símbolos e figuras, mixto de lenda e fantasmagoria.

Verdadeiramente a sua origem, essa perde-se na bruma dos séculos e a própria raça azimba a desconhece. Sabe

construção das figuras, ensaiar os dançarinos andamento dos preparativos.

As figuras são feitas de pau e palha toscamente animais, ocas, monstruosas, parecem os dançarinos que as movimentarão suas figuras enormes, como as do elefante, do rinoceros, requerendo a sua construção uma perícia. A dança em si, nada tem do rítmico ou harmonioso de um atropelo louco, de correrias, de avultar tanto dançarinos como espectadores se movem durante toda a cerimónia, dum lado para o outro.

É evidente que a dança tem o seu seu prévio ritual, e nenhum estranho a essa aproximação das figuras sem correr o risco de sofrer um violento empurrão para longe.

Regra geral, não dançam todas as vezes: vem primeiro uma, outra agora, e uma vez terminada a sua exibição individual a figura grita um nome, nome esse que tanto pode ser o de algum dos dançarinos escondidos no interior da figura ou qualquer nome falso pois, na maior parte dos casos, gostam de ocultar a sua identidade.

Há figuras monstruosas e máscaras, como o caso do "galoondo". É um homem que, entre os mostrengos de madeira e palha, com o corpo enlameado e pintado de várias cores de madeira enterrada na cabeça e um baloiçando freneticamente, gritando e cantando nas trovas e melopeias.

Para ensaio dos dançarinos e escolha do "lumbue" — o chefe da cerimónia e escudo onde ninguém estranho à dança pode tocar — ser que um "padrinho" o conduza, tal como o "caloiro" arranja o seu protector.

Nenhum azimba pode contar ou beber à cêrca do "nhau" e todos os mancebos onde é permitida a realização da dança são

(Continua)



Máscaras para a dança do "Nhau" — Azimbas — Mácanga

apenas que o poderoso Undi a estabeleceu como lei, com o fim de adquirir a tributação dos seus vassallos. Nenhum chefe possuiu deste então o direito de permitir que o seu povo dançasse o "nhau" sem autorização prévia do Grande Undi. Era ele então o senhor de todo o vasto território que cobre a margem esquerda do Zambeze, desde a foz do Chire ao Zumbo. Reza a tradição que só aos primeiros "fumos" superintendentes das terras o direito de dançar o "nhau" foi concedido. Mas se algumas regalias o poderoso Chefe lhes concedeu, igualmente restrições lhes impôs: não podiam possuir dentes de elefante, nem vestir peles de leopardo, nem tão pouco deter as "ntucuas".

"Ntucua" era a pessoa — homem ou mulher — que andando desorientada e errante pelo mato, uma vez encontrada por alguém de qualquer povoação, era imediatamente trazida ao chefe que a conservava em seu poder durante alguns dias, aguardando que alguém de família ou amigo a viesse reclamar. Findo esse prazo, se não aparecesse pessoa alguma da sua tribo a procurá-la, era considerada como escravo e ali permaneceria para todo o sempre.

Na povoação onde é permitida a dança do "nhau", o







# Dança do Nhau

por Guilherme José de Melo

longe a tradição do Grande Undi. É como que figura estranha, mixto de lenda e realidade, dar-se na boca e na alma do povo azimba. Foi ditário mais poderoso que a raça azimba ou Estendida por todo o vasto território da Ma-erva ainda hoje e por muitos anos ainda con-llhos usos e costumes, a tradição e as lendas que constituirão eternamente a sua própria perso-

nação do "nhau" foi o Grande Undi quem a criou. Em-lhe o nome da sua própria feição: "nhau" — o, pequeno ou grande, isso não interessa. Na nação é, por assim dizer, um desfilar de símbolos o de lenda e fantasmagoria.

adeiramente a sua origem, essa perde-se na brusca e a própria raça azimba a desconhece. Sabe



Para a dança do "Nhau" — Azimbas — Mácanga

poderoso Undi a estabeleceu como lei, com o direito a tributação dos seus vassallos. Nenhum chefe então o direito de permitir que o seu povo "nhau" sem autorização prévia do Grande Undi, o senhor de todo o vasto território que cobre a planície do Zambeze, desde a foz do Chire ao norte até a tradição que só aos primeiros "sumos" superas terras o direito de dançar o "nhau" foi concedido algumas regalias o poderoso Chefe lhes conce-ute restrições lhes impôs: não podiam possuir fante, nem vestir peles de leopardo, nem tão pou-ntucuas".

"ucua" era a pessoa — homem ou mulher — que mor-teada e errante pelo mato, uma vez encontra-m de qualquer povoação, era imediatamente tra-que a conservava em seu poder durante alguns ando que alguém de família ou amigo a viesse re-esse prazo, se não aparecesse pessoa alguma da procurá-la, era considerada como escravo e ali para todo o sempre.

povoação onde é permitida a dança do "nhau", o teia um chefe para dirigir a cerimónia, assistir à

construção das figuras, ensaiar os dançarinos e zelar pelo bom andamento dos preparativos.

As figuras são feitas de pau e palha grossa, imitando toscamente animais, ocos, monstruosas, para nelas se abriga, rem os dançarinos que as movimentarão sem serem vistos. Há figuras enormes, como as do elefante, do rinoceronte, do bú-falo, requerendo a sua construção uma perícia extraordinária. A dança em si, nada tem do rítmico ou harmonioso. Não pas-sa de um atropêlo louco, de correrias, de avanços e recuos, e tanto dançarinos como espectadores se movimentam desorde-nadamente durante toda a cerimónia, dum lado para outro.

É evidente que a dança tem o seu "regulamento", o seu prévio ritual, e nenhum estranho a essa iniciação se pode aproximar das figuras sem correr o risco de sofrer acto-con-tínuo um violento empurrão para longe.

Regra geral, não dançam todas as figuras ao mesmo tempo: vem primeiro uma, outra agora, mais logo outra e, uma vez terminada a sua exibição individual, cada uma das figuras grita um nome, nome esse que tanto pode ser na ver-dade o de algum dos dançarinos escondidos no seu bojo como um qualquer nome fulso pois, na maior parte das vezes, estes gostam de ocultar a sua identidade.

Há figuras monstruosas e máscaras indecentes. É este o caso do "galoondo". É um homem que se movimenta por entre os mostrengos de madeira e palha, completamente nú, com o corpo enlameado e pintado de várias cores, uma má-scara de madeira enterrada na cabeça e um chapéu de penas baloiçando freneticamente, gritando e cantando as mais obscenas trovas e melopeias.

Para ensaio dos dançarinos e construção das figuras, escolhe o "lumbue" — o chefe da cerimónia — um sítio isolado, e escuso onde ninguém estranho à dança pode entrar, a não ser que um "padrinho" o conduza, tal como na vida liceal o "caloiro" arranja o seu protector.

Nenhum azimba pode contar ou denunciar o que sabe acerca do "nhau" e todos os mancebos das povoações onde é permitida a realização da dança são obrigados a alis-

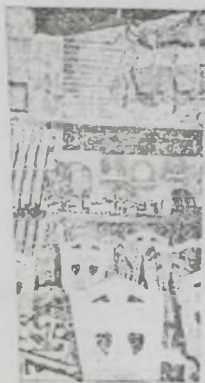
(Continua na página 53)



Máscaras para a dança do "Nhau"



nhas)



a cidade

reito

ua Se. fica no Largo de S. João esta lindíssima capela de estilo manuelino, dedicada pelo seu fundador, o prelado João de Coimbra, a Nossa Senhora da Conceição. De forma quadrangular, apresenta o aspecto de uma torre coroada de

onde estão instalados um Museu e a biblioteca, a Torre de Menagem, as Igrejas da Penha e de S. Salvador e os edifícios da Câmara, do Tribunal e do Governo Civil, o Paço dos Biscainhos e, no Campo Conde de Agrolongo, o monumento aos Mortos da Grande Guerra.

## A DANÇA DO NHAU

(Continuação da página 31)

tarem-se, sendo apresentados aos "lumbues" igualmente por um padrinho, "padrinho" este que é conseguido à custa do pagamento de várias "oferendas" — uma galinha, cinco, ou mais, conforme a sua categoria.

Não é uma dança vulgar o "nhau", que, por toda e qualquer festa, se passa levar a efeito. Não; o Grande Undi, ao distribuir as terras pelos seus vassallos, proibiu, sob pena de morte, fazer do "nhau" uma dança vulgar. Assim, só em certas e determinadas ocasiões ela se deve realizar: pela morte de alguém importante ou no, "chinamuali" — festa dos homens e das mulheres maduras, realizada em honra das donzelas que estão para ser publicamente entregues aos noivos.

De resto, toda a vida do azimbo nos oferece particularidades interessantes nenhuma mulher, durante o período menstrual, pode temperar a comida do marido pedindo sempre a uma criança que deite o sal no "ndio" cozinhado de ervas, legumes ou carne, que acompanha a farinha; — quando o chefe da família sai em viagem, os genros e filhos não podem manter quaisquer relações sexuais enquanto ele não voltar, sob risco da casa ficar enfeitada e o melhor, caso algum transgrida o preceito, é a família inteira abandonar a casa e construir uma nova, em lugar afastado.

Também durante os preparativos para a dança do "nhau" os componentes têm de observar escrupulosamente as determinações do "lumbue" e não pode ter relações sexuais de espécie alguma sob pena de morrerem e causarem a morte de quantos os rodeiam.

Uma vez construídas as figuras, terminados os ensaios e efectuada a dança, o dirigente da cerimónia dá-lhes então um medicamento — uma "mézinha" — e só depois de o tomarem estarão aptos a regressar à sua vida habitual.

As principais figuras da dança são: o elefante, colossal monstro onde se alojam quinze a vinte mancebos para o movimentar; o "cassingé", mancebo alto que à sua altura acrescenta ainda umas enormes andas que amarram às pernas e sobre as quais se movimenta com incrível habilidade, sem se desequilibrar; o "buamoto", figura horrível de pesadelo, lançando chamas pela boca, numa ilusão extraordinariamente bem feita; e o "galoondo", que já acima descrevemos.

Eis, a traços largos, num apontamento rápido, a famosa dança, a lendária dança do "nhau", cuja origem se perde nas brumas dos séculos e que o povo azimbo ciosamente guarda e conserva através do rolar dos anos — sombra do Passado a projectar-se na luminosidade forte do Presente.

## Barragem das Mabubas

(Continuação da página 55)

### sua localização

até Luanda, elevam o custo da obra, até Dezembro de 1951, a mais de 160 mil contos.

### Aproveitamento hidro-eléctrico

O aproveitamento hidro-eléctrico das Mabubas elevar-se-á a 24.720 CV. A esta potência corresponderão, anualmente, em relação à primeira fase, 18,8 milhões de quilovátios nos terminais do alternador. Descontadas as perdas nos transformadores, linhas de transmissão, etc. a energia, em Luanda, será de 16,9 milhões de quilovátios, atingindo na segunda fase 50,7 milhões em Luanda.

Luanda anseia pela conclusão da obra, pois a energia actualmente fornecida está muito aquém das presentes necessidades.

De há uma dezena de anos a esta parte são em centenas as novas habitações construídas; são novas casas de espectáculos; são anúncios luminosos; são novas e importantes indústrias, guindastes eléctricos; um mundo de azáfama e de trabalho que reclama insistentemente por energia eléctrica.

É o Governo da Nação, em boa hora representado nesta Província pelo Sr. Capitão Silva Carvalho, a energia de quem se deve o impulso destes últimos anos, vai lançando em suas províncias, espalhadas pelo Mundo, a semente vivificante do trabalho e da civilização.

Em todos os campos da actividade se faz sentir esse impulso, em todos os lugares onde haja portugueses.

(Reportagem da Casa da Metrópole de Luanda)